

O USO DA LÍNGUA PORTUGUESA NOS JORNAIS PARAIBANOS DO SÉCULO XIX: LEVANTAMENTO DE CORPUS E ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA

III Encontro Nacional de Letras no Litoral Norte da Paraíba - ELLIN-PB, 3ª edição, de 08/05/2024 a 10/05/2024
ISBN dos Anais: 978-65-5465-093-9

FERREIRA; Jamilly da Silva¹, NICOLAU; Roseane Batista Feitosa²

RESUMO

Introdução

Este trabalho trata do uso da linguagem presente nos jornais paraibanos do século XIX, abordando, precisamente, os aspectos da formação do Português do Brasil. Foi desenvolvido por meio do plano de trabalho: *O Português Brasileiro nos jornais paraibanos: levantamento de corpus e análise sociolinguística das formas pronominais “nós” vs. “a gente” e da colocação pronominal* do Projeto de Iniciação científica da UFPB, contando com o apoio da Fundação de apoio à pesquisa do governo do estado da Paraíba (PIBIC/UFPB/FAPESQ 2022-2023).

É também uma continuidade da coleta, transcrição e análise de textos dos jornais do Litoral e do Sertão paraibano, do século XIX e início do século XX - ação já iniciada em plano anterior, que também teve o apoio da FAPESQ (2021-2022) na busca pela formação de um banco de textos para o Projeto nacional PHPB – Para a História do Português do Brasil (<https://sites.google.com/site/corporaphpb/>). Este projeto de âmbito nacional busca dar maior visibilidade aos textos que contribuíram para a formação da nossa língua, tanto no lado histórico, quando no fazer linguístico-discursivo.

Como objetivo geral, neste trabalho, buscamos uma análise sociolinguística acerca da variação e da mudança da língua portuguesa do Brasil presente no jornal do século XIX e início do século XX, observando, neste recorte, o uso da escrita quanto ao emprego das formas pronominais “nós” vs. “a gente” e da colocação pronominal.

De início, fizemos uma pesquisa exploratório, em textos teóricos de Said Ali (1964), Lopes (2002), Coelho et al. (2010), Barbosa (2012), dentre outros, para formação de uma base para os estudos linguísticos que se pretendia realizar, advindo da Modelo da Tradição Discursiva e da Sociolinguística, que permitiram perceber o fenômeno da variação e a mudança na língua portuguesa brasileira.

Também coletamos e transcrevemos textos dos jornais paraibanos do Litoral e do Sertão do século XIX, que se encontram na Hemeroteca Digital (<https://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/acervo.html>), conforme as normas de transcrição estabelecidas por Guedes e Berlink (2000); selecionamos gêneros de jornais, coletados e transcritos de acervos locais *online*, para realizar análises da variação do português brasileiro nos jornais do século XIX.

Por fim, realizamos um estudo de variação linguística, precisamente do uso das formas pronominais “nós” vs. “a gente” e da colocação pronominal nos textos como condicionadores linguísticos de variação e de mudança linguística, na escrita do português do Brasil, presente nos jornais paraibanos do século XIX e início do Século XX em diversos gêneros que se firmavam como jornalísticos nos jornais selecionados, a saber: A Paz, de 22 julho de 1898, A Ordem, de maio de 1894, A Esperança, de 18 de julho de 1877 e o Argos Parahybano, de 13 de fevereiro de 1854, com base na análise sociolinguística presente em texto de Lopes (2002). Entretanto, em função do nosso recorte, esses jornais nos permitiram realizar apenas uma análise sociolinguística das formas pronominais “nós” vs. “a gente” e da colocação pronominal.

Tradição discursiva e variação da língua portuguesa no Brasil

O marco teórico que embasa esse trabalho perpassa por áreas que consideram o texto como um fenômeno sócio-histórico e discursivo, centrado na variação e mudança de ordem, sobretudo, morfossintática, semântica e

¹ UFPB, jamillyf.milly@gmail.com

² UFPB, rosenicolau.ufpb@gmail.com

pragmática. E, como base referencial, a Tradição Discursiva, tratado por Barbosa (2012); bem como, os estudos da Sociolinguística voltados para a variação e a mudança do Português Brasileiro. (Lopes, 2002; Coelho et al., 2010, dentre outros).

Segundo Kabatek (2006 *apud* Barbosa, 2012), cada tipo de discurso, como o jornalístico, possui características e regras implícitas que os distinguem e que são reconhecidas pelos falantes de uma comunidade linguística. Para Barbosa (2012), o jornalismo brasileiro é permeado por tradições discursivas que refletem a história, a cultura e as particularidades socioeconômicas do país em cada época. As tradições discursivas se referem às maneiras recorrentes e estáveis de usar a linguagem em diferentes contextos comunicativos, sendo moldadas por convenções e práticas sociais que definem como um discurso é estruturado e compreendido.

Nos jornais, de forma geral, essas tradições podem ser identificadas em várias dimensões, tais como:

- a) nas estruturas: as notícias, por exemplo, tendem a seguir um formato padronizado, começando pelo *lead*, que resume os principais pontos da história, seguido por detalhes em ordem decrescente de importância. Esta estrutura é conhecida como "pirâmide invertida".
- b) no uso do léxico: com uma linguagem objetiva, evitando adjetivos desnecessários e focando em verbos e substantivos, marca registrada do jornalismo. No entanto, essa "objetividade" pode, às vezes, ser permeada por escolhas lexicais que refletem uma certa visão de mundo;
- c) na forma linguística: adotando um tom formal e impessoal, usando a voz passiva ou se referindo a fontes de forma indireta para dar autoridade ao texto; por fim,
- d) no estabelecimento do diálogo com o leitor: por meio de editoriais, cartas ao editor e espaços de comentários.

A compreensão dessas tradições discursivas é essencial para decodificar o conteúdo dos jornais e para entender como as notícias são moldadas e interpretadas. Reconhecendo as convenções e práticas subjacentes ao discurso jornalístico, torna-se possível uma leitura mais crítica e contextualizada das informações.

A colocação pronominal nos textos jornalísticos do século XIX, por exemplo, reflete uma série de convenções linguísticas e estilísticas da época, em plena transição entre um período colonial e uma nação independente, que passava por diversas transformações sociais. A posição dos pronomes átonos nos textos desse período é um testemunho vivo dessas mudanças. Conforme Galves (1993), são nos documentos do século XIX, sobretudo da segunda metade deste, que se começa a identificar os fenômenos que vão caracterizar a sintaxe do português do Brasil.

No Século XIX, a colocação pronominal, no Brasil, era marcada por uma mistura de formas. Por um lado, havia uma tendência em seguir a norma europeia, caracterizada pelo uso frequente da ênclise, sobretudo na escrita; por outro lado, ocorriam modificações, ou melhor, um distanciamento do português europeu na oralidade, marcadamente na colocação pronominal, com o uso da próclise.

Essa preferência pela ênclise pode ser atribuída a vários fatores, entre eles: o desejo de proximidade com Portugal e de manter uma língua "pura" e "elevada" nos contextos formais. Com os jornais, incentivava-se a adoção de formas e estruturas consideradas mais prestigiosas ou cultas. Essa formalidade se refletia não apenas na escolha de palavras, mas também nas estruturas sintáticas, incluindo a colocação pronominal e uso do "nós" e "a gente".

A diversidade linguística do Brasil, com a presença de muitas línguas indígenas e a influência de línguas africanas devido à escravidão, pode ter contribuído para uma maior tendência proclítica dos pronomes. Muitas dessas línguas não possuíam a ênclise, e isso pode ter influenciado o padrão de colocação dos pronomes em contextos de contato linguístico.

Diante do aumento da urbanização e a expansão da educação no século XX, houve um processo de homogeneização da língua, favorecendo certas estruturas em detrimento de outras. Por isso, é notório o uso significativo da ênclise no Brasil, especialmente em contextos mais formais, como após palavras ou expressões que não atraem o pronome para a posição proclítica. Porém, no cotidiano e na linguagem falada, a próclise era, sem dúvida, mais comum como foi destacado no poema de Oswald de Andrade: Pronominais.

No que se refere ao uso da expressão "a gente" em substituição ao pronome "nós" no português do Brasil, trata-se de um fenômeno linguístico que pode demonstrar a mudança linguística ocorrida no país. Entretanto, essa substituição não é apenas uma característica do português brasileiro, pode ser observada em outras

¹ UFPB, jamilyf.milly@gmail.com

² UFPB, rosenicolau.ufpb@gmail.com

línguas românicas. A origem dessa expressão reside no latim vulgar, a língua falada pelo povo na época do Império Romano. No latim vulgar, a expressão "illae gentes" (essas pessoas) era usada com um sentido coletivo, referindo-se a um grupo de pessoas. (Said Ali, 1964).

No português arcaico, já era possível encontrar "a gente" sendo usado com o sentido de "pessoas" ou "grupo de pessoas". Porém, foi a partir do século XVI que "a gente" começou a ser utilizado, em textos escritos, com valor de pronome, substituindo o "nós" em algumas construções de línguas românicas (Said Ali, 1964). Essa substituição, no entanto, não foi imediata ou uniforme. Por muito tempo, "a gente" foi considerado uma forma coloquial, enquanto "nós" permaneceu como a forma padrão, especialmente em contextos mais formais.

O uso de "a gente" como pronome tem algumas peculiaridades. Por exemplo, ele é geralmente acompanhado de verbo no singular: "A gente vai ao mercado" ao invés de "Nós vamos ao mercado". Isso reflete a origem da expressão, que, apesar de ter um sentido plural, é gramaticalmente singular. Em resumo, o uso de "a gente" como substituto de "nós" é um exemplo de como as línguas evoluem e se adaptam às necessidades e aos contextos dos falantes ao longo do tempo.

Os textos dos jornais do século XIX oferecem uma janela fascinante para as normas e variações linguísticas da época. A colocação pronominal, com suas nuances e transformações, é uma representação viva das transformações linguísticas. Durante o século XIX, o português brasileiro, delineando-se entre influências coloniais e uma identidade linguística nacional que emerge, apresentando uma diversidade de formas que revelavam o dinamismo da língua. A colocação pronominal nos jornais do século XIX é uma demonstração rica e complexa das tensões e evoluções da língua portuguesa no Brasil. Estudar essas variações, ilustradas em frases e construções da época, é mergulhar na história linguística de uma nação em formação.

Análise da colocação dos pronomes nos textos dos jornais do século XIX

Conforme nosso objetivo vamos realizar uma análise da colocação pronominal nos jornais coletados e transcritos acerca da variação desta colocação, considerando que ainda havia uma mudança do português nesse aspecto no Brasil. Apresentamos, em síntese, o que observamos com relação a esse aspecto em enunciados retirados dos textos dos jornais transcritos e, em seguida, comentários sobre essas colocações considerando o período de produção e circulação nos jornais.

Trechos dos jornais seguido de análise

Trecho 01

"Não acahas isso rediculo, escandaloso, immoral ? pois bem, meo amigo, lastima-me, compadece-te de mim, que não me poupou a lepra geral, que tambem estou possuído desse maldito sestro « eartomatico ». Sestro tanto mais terrível quanto, não esqueças nunca, meu bom amigo, quanto nada me ocorre agora de notavel que possa alimentar a tua justa e natural curiosidade! A mania de querer escrever. Tenho-a eu, mas falta-me o essencial, [...]" (p.16) A ESPERANÇA" de 18 de julho de 1877 (Pronomes destacados para estudo)

Nos trechos acima (1), temos o uso do pronome "me" em três situações distintas: no primeiro caso - lastima-me -, temos o pronome "me" após o verbo lastimar, na forma imperativa, na posição ênclise, colocação mais usada no português europeu, comum na escrita do português formal brasileiro; no segundo caso, "quanto nada me ocorre agora de notável", o pronome "me", encontra-se na posição próclise, ou seja, antes do verbo, porque no enunciado o "me" foi atraído pela palavra "nada" conforme a norma, que se estabeleceu gramaticalmente, e, por fim, no enunciado: "mas falta-me o essencial" bem aos moldes do português europeu, na posição ênclise, mas que no Brasil não seria estranho encontrar na posição próclise.

O que podemos dizer sobre a colocação dos pronomes no uso português no Brasil do século XIX é que vem a ser um dos fenômenos mais caros aos estudos linguísticos, pois muitos destes estudos são dedicados ao embate entre a língua dos portugueses, fixada como norma no Brasil, e a língua nascida no convívio dos falares brasileiros. Desta forma, há muitas variações no uso dos pronomes, a partir do século XIX, que demonstra um

¹ UFPB, jamilyf.milly@gmail.com

² UFPB, rosenicolau.ufpb@gmail.com

embate entre a gramática interna, sobretudo falada pelos brasileiros e as regras gramaticais, baseadas em uma norma distinta em muitos aspectos da realidade falada no Brasil.

Mas, retomando a análise dos pronomes deste trecho, observa-se nitidamente, a preferência pela organização dos enunciados com a coleção da ênclise, no uso dos outros pronomes - compadece-te; Tenho-a – o que reforça ainda mais o uso da norma usada pelos portugueses, em Portugal, e como um modelo a ser seguido pelos brasileiros do século XIX.

Trecho 02

“Em these, esse principio é verdadeiro, mais logo quese attenda às diarias e constantes invenções de novas Machinas, novas industrias, descobertas que exigem o concurso do braço do homem, ter-se-ha reconhecido que longe de ser um mal, a Machina è um vehiculo do bem, tanto mais quanto, alem do braço, taes inventos exigem alguma cousa mais sublime: —a intelligencia e a vontade do homem.” (p. 4) A Ordem 19 de maio de 1894. (Pronomes destacados para estudo).

Trecho 03

“O padre constitue-se dono d[] mulher que se confessa; e[]le fará que ella odeie o marido, s[] este fôr dos []eus desaffectedos; impor-lhe-á a educação que ella ha de dar aos filhos,educação que se reduz a camina docilidade ao cl[] ilegível]ro; lhe imbutià a crença [...]”. (p.4) A PAZ 22 de Julho de 1898.(Pronomes destacados para estudo).

Nos trechos 02 e 03, os pronomes estão em posição mesoclítica, um fenômeno gramatical em que os pronomes são inseridos no meio do verbo. Essa colocação ocorre de acordo com a regra geral da língua portuguesa europeia, que determina que os pronomes mesoclíticos sejam utilizados com verbos do futuro do presente ou do futuro do pretérito. Nos jornais analisados era muito comum o uso tanto a ênclise como da mésoclise. Tal fato tenta manter o uso comum dessas colocações que eram bastante usadas em Portugal conforme foi constata na pesquisa presente no artigo: A evolução da mesóclise, de Ildikó Haffner (2009).

Uso do “a gente” no lugar de “nós”

No texto intitulado "De gente para a gente: o século XIX como fase de transição", Célia Regina dos Santos Lopes (2002) apresenta a tese de que o século XIX desempenhou um papel crucial na evolução do uso do pronome "a gente". Durante essa época, observa-se um período de transição em que "a gente" passou a ser utilizado tanto o pronome plural quanto o singular. Lopes (2002) sustenta que essa transformação decorreu de uma intersecção de fatores diversos, incluindo o fortalecimento do nacionalismo, a disseminação da educação e o aumento da urbanização.

A autora argumenta de forma convincente que a mudança na aplicação de "a gente" como pronome singular reflete as profundas mudanças sociais e econômicas ocorridas no século XIX. Lopes (2002) destaca ainda a ascensão da classe média e a ampliação do movimento feminista como forças motrizes desse processo de transformação, que desempenharam um papel fundamental na reconfiguração da autopercepção e identificação das pessoas da época.

No início do século XIX, a língua portuguesa no Brasil ainda estava profundamente enraizada no estilo clássico e estritamente alinhada às normas cultas europeias. O uso frequente do pronome "nós" era notavelmente difundido, sobretudo em contextos formais e literários. Passou a ser uma ocorrência comum encontrar construções linguísticas daquela época, como por exemplo: "Nós, os signatários deste documento, tornamos público..." ou "Nós, os cidadãos desta nação, proclamamos nossa independência...". Esse "fenômeno", pode ser encontrado de maneira evidente ao examinarmos trechos de jornais daquele período.

Trechos dos jornais, seguidos de análise

¹ UFPB, jamilyf.milly@gmail.com

² UFPB, rosenicolau.ufpb@gmail.com

Trecho 04

“Ve de que diferença entre nós ! Vós, agarrado às couzas da terra, só buscas dinheiro para comprar muita comida e bebida, morar em ricos palacetes, e morrer como uma fera que dorme tranquilla ao []ado da vi clima que ella própria despedaçou, e nós buscando em [ilegível], buscando a perfeição, verdadeiramente nossa, porque depende de nós, que n[]s julgamos um [...]” (p. 12-13) A PAZ 22 de Julho de 1898. (Pronomes destacados para estudo)

Trecho 05

“[...] A falta de escriptos me[]icos das differentes localidades, que a febre devastou é sobre maneira tão manifesta e sensível entre nós que mui ardua sera, por sem duvi[]a, a tarefa [...]” (p.13) ARGOS PARAHYBANO 13 de fevereiro de 1854. (Pronomes destacados para estudo)

Não foi identificado o uso de "a gente" como um pronome substituto de "nós" na pesquisa realizada. Houve apenas um trecho no jornal Argos Parahybano em que essa expressão foi empregada para indicar um grupo de pessoas sem enfatizar a identidade individual de cada uma. O trecho em questão é o seguinte:

Trecho 06

“Foi-nos communicado da Villa do Pillar o seguinte: A []este das bexigas vai aqui ceifando muitas vidas; e ul[ilegível]amente fez []ma vi clima, cuja sorte intercasou qu[]zi t[]a agente da villa. Foi um pobre homem que morreu de bexiga; mas quasi que se pode afirmar que essa morte foi um homicidio commettido pelo subdelega[] [], quando não por maldade, por ignorancia ou desleixo.” (p. 2) Argos Parahybano, 13 de fevereiro de 1854. (Pronomes destacados para estudo).

Esse trecho sugere que "a gente" ainda não havia se consolidado como um pronome no lugar de "nós" século XIX, nos textos dos jornais paraibanos. O autor do texto (trecho 06) não se inclui na frase. O uso do artigo definido "a" possivelmente indica que o autor relaciona a palavra "agente" ao substantivo "gente" e não ao pronome "nós", referindo-se a um grupo indefinido de pessoas da vila.

Conclusão

Em suma, podemos dizer que, por meio da pesquisa realizada com relação ao emprego do pronome e à ausência do "a gente" no lugar do "nós", que há ainda na prática jornalística do século XIX um certo conservadorismo, ou seja, que, ainda nos jornais analisados, a escrita estava muito pautada na escrita do português de Portugal, nos aspectos aqui tratados.

Análise da colocação pronominal também revela uma variação linguística notável e isto indica a complexidade deste emprego na língua portuguesa que se fixou com regras de uso na gramática tradicional. Essas variações podem ter sido influenciadas por fatores como estilo de escrita e preferências individuais dos autores, ou seja, as diferentes formas (próclise, mesóclise e ênclise) podem ser observadas em textos diversos, refletindo a preferência linguística que vai se firmando como norma linguística, cada uma em conformidade com seu uso padrão, tanto em Portugal como no Brasil.

Quando a utilização do pronome pessoal "nós" e da locução pronominal "a gente", no século XIX, revela que o uso do "a gente" no lugar de "nós" ainda não se fazia presente nos jornais, apesar de sua significativa presença na oralidade (Lopes, 2002), isto é reflexo das profundas mudanças sociais e econômicas ocorridas no século XIX. Por fim, este estudo explorou a frequência e o contexto de uso dessas expressões em textos jornalísticos que circularam na Paraíba, mas que espelham uma realidade nacional, demonstrando como elas refletem a identidade linguística do século XIX, nos textos escritos no Brasil.

¹ UFPB, jamilyf.milly@gmail.com

² UFPB, rosenicolau.ufpb@gmail.com

A pesquisa também destacou a importância da análise linguística voltada para textos dos passados, textos históricos, não apenas para entender a evolução da língua portuguesa, mas também para oferecer *insights* sobre vida sociocultural e política desse período. E, ao fazê-lo, construímos *corpora* que contribuirão como fonte de pesquisa para outros historiadores da língua, que poderão observar não só as variações nos termos do uso da língua, mas também em outros aspectos, em consonância com suas pesquisas.

Podemos dizer, a partir deste estudo que, a análise da colocação pronominal revela uma variação linguística, que indica a complexidade deste emprego na língua portuguesa. Variações influenciadas por fatores como estilo de escrita e preferências individuais dos autores; ou seja, as diferentes formas - próclise, mesóclise e ênclise - podem ser observadas em textos diversos, refletindo as diferentes preferências linguísticas da época ainda que pautada no conservadorismo.

E, na análise do uso do “nós” e do “a gente” no século XIX revela-se não apenas a evolução da língua portuguesa ao longo do tempo, mas também proporciona uma reflexão sobre o uso social das palavras, no caso do pronome, demonstrando como elas refletem mudanças na identidade linguística dos falantes/escrevintes e na percepção de coletividade da sociedade.

Por fim, destacamos que, no decorrer da pesquisa, identificamos algumas limitações, como o exemplo da falta de repertórios teóricos que falassem sobre os assuntos abordados. Tais limitações destacam a importância e a necessidade de novas pesquisas, até mais amplas e aprofundadas, na área da Linguística Histórica.

Referências

BARBOSA, A. **Tradições discursivas e tratamento de corpora históricos:** desafios metodológicos para o estudo da formação do português brasileiro. In LOBO, T.; CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., RIBEIRO, S., (orgs). **Rosae:** linguística histórica, história das línguas e outras histórias [online]. Salvador: EDUFBA, 2012.

BARBOSA, A. **Projeto para a história do português brasileiro (PHPB)** Corpus Histórico do Português. Disponível em <https://sites.google.com/site/corporaphpb/>. Acessado em 18 de janeiro de 2023.

BARBOSA, S. de F. P. **Jornal e literatura:** a imprensa brasileira no século XIX. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

BARBOSA, S. de F. P.; SENA, F. **Jornais e folhetins literários da Paraíba no século 19.** Disponível em <https://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/acervo.html>. Acessando em 20 de janeiro de 2023.

GALVES, C. (1993) O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: KATO, Mary A.K; ROBERTS, Ian (Orgs.) **Português brasileiro — uma viagem diacrônica** Campinas, Ed. UNICAMP

HAFFNER, I A **evolução da mesóclise.** Acta Hispânica. Jan. 2009. Disponível em [file:///C:/Users/rosen/Downloads/dukaiklaudia,+Foly%C3%B3irat+szekeszt%C5%91,+hisp_014_113-121%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/rosen/Downloads/dukaiklaudia,+Foly%C3%B3irat+szekeszt%C5%91,+hisp_014_113-121%20(1).pdf) Acessado em janeiro de 2024.

LUSTOSA, Isabel. O nascimento da imprensa brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

ARAÚJO, Luciana Kuchenbecker Araújo. **Próclise, mesóclise e ênclise;** Infoescola. Disponível em: <https://www.infoescola.com/portugues/proclise-mesoclise-e-enclise/> Gomes, Letícia M. "Artigos"; Infoescola. Disponível em: <https://www.infoescola.com/português/artigos>

GUEDES, M. BERLINK, R DE A. **E os preços eram commodos.** São Paulo, Humanitas, 2000.

LUSTOSA, Isabel. **O nascimento da imprensa brasileira** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SAID ALI M. **Gramática histórica da língua portuguesa.** São Paulo: Melhoramento, 1964.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Portuguesa, Jornais do século XIX, levantamento de corpus, Variação linguística

¹ UFPB, jamilyf.milly@gmail.com

² UFPB, rosenicolau.ufpb@gmail.com